

## » Entrevista | CRISTOVAM BUARQUE | ECONOMISTA E PROFESSOR

O ex-reitor da UnB, ex-governador e ex-ministro da Educação chega aos 80 anos com a inquietude de sempre. Ao **Correio**, o professor faz um balanço crítico de sua trajetória, aponta erros do MEC e avalia o atual governo, a polarização política e a sucessão de Ibaneis no DF

# “Temo um pós-Lula com a direita reciclada”

» VINICIUS DORIA  
» DENISE ROTHENBURG  
» CARLOS ALEXANDRE DE SOUZA

**A** dois dias de completar 80 anos de idade, o professor, ex-reitor da Universidade de Brasília, ex-governador do Distrito Federal e ex-ministro da Educação Cristovam Buarque faz uma reflexão. “Ainda não me dei conta de que fiquei velho, mas sei que tenho pouco tempo daqui para a frente.” Ele sabe, porém, o que fazer com esse tempo. “Não quero gastar indo atrás de eleitor, quero gastar indo atrás de leitor.”

Escritor compulsivo e pensador inquieto, Cristovam perdeu a conta de quantos livros publicou ao longo da vida, mais de 100. Nesta entrevista ao **Correio**, o professor revela que vêm mais dois títulos por aí. Aos jornalistas Denise Rothenburg, Carlos Alexandre de Souza e Vinicius Doria, o ex-governador do DF faz um balanço — com muitas autocríticas — de sua trajetória pública e avalia o momento atual da política brasileira.

Lula 3, polarização, emergência climática e transição energética, sucessão do governador do DF, tudo passa pelo olhar crítico do acadêmico, que não pensa mais em voltar para a política. “Quero ficar no banco dos filósofos”, diz ele. Entre cenários otimistas — “Lula vai acertar na economia” — e pessimistas — “Não vamos dar o salto na educação” —, Cristovam não crê em terceira via, defende a união das esquerdas e alerta para a possibilidade de o pós-Lula ser representado pelo que chama de “direita reciclada”.

**O senhor está completando 80 anos. O que mais lhe marcou na sua carreira política?**

Ter sido governador do Distrito Federal. Fui o segundo governador eleito, (Joaquim) Roriz foi o primeiro. E em uma cidade com poucos anos de idade e cheia de problemas, de desafios. Além disso, ser o primeiro governador eleito pelo Partido dos Trabalhadores, em um grupo de oito partidos diferentes, um deles com vocação hegemônica. E, para completar, um partido vinculado totalmente ao sindicalismo numa unidade da Federação em que o maior empregador é o próprio GDF. Guardo muito o desafio que representou ser o maestro desse imenso conjunto de músicos, cada um querendo tocar uma partitura diferente. Eu tinha algumas bandeiras claras, implantar o Bolsa-Escola, fazer a reforma da educação, o Saúde em Casa, uma experiência que nunca tinha sido feita. Mas, se você perguntar qual desses cargos todos o que eu mais lembro com gosto, foi ser reitor da UnB.

**E a sua experiência como ministro da Educação?**

Houve choques, inclusive, uma coisa que eu lamento ter feito — acho que foi inexperiência minha — com o presidente Lula. Eu dizia coisas que um ministro não pode dizer. Eu disse que não precisava do (programa) Fome Zero. Para acabar com a fome, bastava pegar o Bolsa-Escola, que o (ex-presidente) Fernando Henrique Cardoso tinha copiado do nosso do GDF, aumentar um pouco o valor e dar para

Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press



**A minha turma votou contra o impeachment, mas eu queria ser macho com minha coerência e votei a favor. Foi uma pisada de bola. No prédio onde moravam minhas netas estenderam uma faixa ‘Meu vovô é golpista’. Jogo baixo. Eu entendo a raiva, mas a raiva não é boa conselheira”**

todo mundo. É claro que o Lula ficou furioso, porque ele acreditava naquilo, que era possível resolver a fome produzindo comida. Para resolver a fome no Brasil, primeiro é colocar dinheiro no bolso do povo. E, para mim, era claro que o ministro tinha que ser da educação, não do ensino superior. Tentei, inclusive, convencer o Lula a criar o Ministério da Educação de Base.

**Por que ele não criou?**

Pressão de sindicatos, universidades, Andes, Fasubra, UNE, todos achavam que se transformasse o MEC em Ministério da Educação de Base o dinheiro da universidade iria embora. Minha proposta era diferente, era pegar a Secretaria de Ensino Superior e levar para o Ministério da Ciência Tecnologia ou criar o Ministério do Ensino Superior. Mas Lula queria, e consegui, priorizar o ensino superior. Ele me disse, quando me demitiu por telefone (em 2004), com aquele jeito dele: “Companheiro, eu quero um ministro que agarre mais no ensino superior”.

**Já se passaram mais de 20 anos desde que o senhor deixou o ministério, e o Brasil ainda tem resultados catastróficos na educação. Por quê?**

A educação no Brasil é uma questão municipal. Os municípios não têm dinheiro e são

desiguais. Agora mesmo, o ministro Camilo (Santana) lançou um programa de alfabetização aos 8 anos. Não vai funcionar. Há município que não tem condições. Tinha que ter uma campanha em que a União adotasse as cidades que não têm condições. É o que eu chamo de federalização.

**Quando o senhor diz federalizar, significa o quê?**

Tem razão quem diz que a gente gasta muito em relação aos resultados. Mas tem razão quem diz que, para dar um salto e ficar igual à Finlândia, a gente precisa gastar mais um pouco. Federalizar é ter uma carreira nacional do magistério, com salário pago pela União.

**Seria tudo estatal?**

Eu disse federal, não, necessariamente, estatal. É público. Uma das coisas que a esquerda precisa descobrir é que público não é sinônimo de estatal, e estatal não é sinônimo de público. É assim que eu imagino um sistema público de educação, para igualar pobre e rico na mesma escola.

**O MEC ainda está longe dessa revolução?**

O MEC não é Ministério da Educação. O MEC, como está hoje, é o Ministério do Ensino Superior. Deveria tirar o C e botar o S. Quem manda no ministério são as universidades.

**Qual sua opinião sobre o novo ensino médio?**

Votei a favor. O projeto, da época do Temer, foi um avanço. Foi um erro as corporações quererem barrar aquilo, a ideia das trajetórias (trilhas de aprendizagem). Isso está em Paulo Freire. O aluno tem que escolher o que ele quer estudar, não todas as disciplinas, mas algumas que são fundamentais. O que eu proponho, primeiramente, é tirar essa conotação de médio. Quando a gente diz ensino médio é porque existe o fundamental e existe a universidade, e o médio está ali, no meio. A educação de base tem que terminar depois do chamado ensino médio, que eu chamaria de fase conclusiva. O Brasil criou a mania de que a educação se conclui na universidade. A educação tem que se concluir antes da universidade.

**Então, a universidade não é para todos?**

A educação tem que ser para todos que querem. Mas tem que acabar com essa ideia de que é para todos. É falso. No dia em que a universidade for para todos será o mesmo que dizer que a Seleção Brasileira de futebol é para todo mundo que bate bola. Não é. A Seleção é para uma minoria.

**Há outras discussões paralelas que acabaram entrando no debate no último governo,**

**como home schooling, escolas militares, questões de gênero, doutrinação da esquerda. Isso atrapalha?**

É claro que é um absurdo essas ideias trazidas pelo governo Bolsonaro e pelos reacionários, a maioria com cunho religioso e, às vezes, é reacionarismo mesmo. O problema de gênero, de sexo, é absurdo não se tratar disso nas escolas. Isso faz parte da formação. Eu não falei que o menino tem que sair da escola com o mapa de como buscar sua felicidade? Então, ele tem que conhecer a sua sexualidade, ele não pode ter medo nem querer se esconder. Se for gay, tem que ter orgulho de ser gay. Isso é um direito que não vai demorar muito. Erotização precoce? Isso não é bom. A melhor solução é se falar tudo na escola sobre sexo desde que a criança pergunte. A gente não vai passar nada para criança antes que isso atenda à curiosidade dela. Por que o debate caiu para isso, por que os pais querem os filhos em escola militar? O povo quer porque a escola que não é militar virou um caos. O que os pais querem é que não tenha greve, que menino respeite o professor, que não tenha violência. Eu errei porque não consegui formular uma escola que ensine dando liberdade com disciplina.

**Como o senhor vê o avanço do**

**ensino a distância (EAD) e das novas tecnologias?**

Não dá para ficar contra o ensino a distância. Temos é que exigir qualidade. Vamos lembrar do que aconteceu 100 anos atrás. Essa coisa esquisitíssima chamada cinema descobriu que podia fazer arte dramática. Agora, imagine filmar uma peça no palco e passar no cinema. Seria muito chato. Mas foi o que fizemos na pandemia da covid-19. A gente transmitiu pelas redes sociais uma aula presencial. Temos que fazer como o cinema fez com a arte dramática, uma nova linguagem, com efeitos especiais, trazer o mundo para dentro da aula. Chamo isso de peças pedagógicas cinematográficas. Criança não aguenta aula teatral, professor no palco com quadro-negro e alunos na frente. Tem que ter Google dentro da sala, YouTube. No ensino médio, pode ser presencial sem ser teatral. E se o aluno naquele dia não quiser ir à escola, ele liga o aparelho dele, assiste à aula e se comunica com o professor. É isso que tem que mudar. É como se a gente estivesse no tempo dos automóveis, mas andando de carruagem. Temos que substituir a carruagem da sala de aula.

**O senhor foi ministro da Educação no primeiro mandato do presidente Lula. Lula 3 é mais do mesmo ou é algo mais?**

Tem muita coisa do mesmo, e vou apontar uma: a prisão do presente. Lula é um gênio de buscar a unidade no presente, mas não trouxe o salto para o futuro. Ele é uma maravilha para aprovar leis para trazer de volta Bolsa Família, mas ele ainda não disse como é que, no Brasil, daqui a 20 anos, ninguém precise do Bolsa família. Não é possível que este país vá precisar pela vida inteira de um Bolsa Família. Outro exemplo, o Brasil trouxe de volta algo que estávamos perdendo, que é a proteção das florestas, mas ele ainda não disse como será a indústria que vai conviver com as florestas. Lula ainda não é um estadista do futuro como foi Juscelino Kubitschek. Mas eu me orgulho de ter apoiado Lula desde 2020. Não tinha que ter terceira via.

**Por que não?**

Escrevi muitos artigos sobre o Lula como um grande estadista planetário. Não há ninguém no mundo, hoje, com as condições de Lula. Quando ele fala, fala como cidadão do mundo, mas não vê o longo prazo. Lula precisa ser maior do que já é, falta a ele inspirar para o futuro.

**Ele peca na questão da transição energética, por exemplo, com um discurso dúbio de defender a descarbonização e, ao mesmo tempo planejar extrair petróleo na Amazônia?**

Ele tem essa ambiguidade porque o petróleo é o presente. Lula faz o jogo do presente, ainda que tenha um discurso para o futuro em matéria energética. Mas ele tinha que radicalizar mais e não deveria estar insuflando a exploração de petróleo na Foz do Amazonas, ainda que seja a 500km de distância.